

**DANTAS DE MELO, Fabio José. *Os ciganos calon de Mambaí – a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus, 2005. 174 pp.**

FLORENCIA FERRARI

Resultado da pesquisa de mestrado entre os calon de Mambaí, este livro de Fabio José Dantas de Melo é uma importante contribuição para os estudos sobre ciganos no Brasil. O autor coletou cerca de quatrocentas palavras e 46 frases em calon, organizadas ao final do volume, produzindo um conhecimento inédito sobre a língua dos ciganos brasileiros. Sua pesquisa permitirá que outros pesquisadores tenham acesso ao núcleo de uma língua e compará-la com a de outros grupos, verificando a semelhança e a possível compreensão mútua entre ciganos.

O vocabulário de ciganos calon foi anotado anteriormente por outros pesquisadores, como Mello Moraes Filho, no final do século XIX, e Oliveira China, nos anos 1930. A comparação entre esses registros por si renderia uma análise.

À contribuição etnolingüística se opõe, no entanto, a abordagem teórica, que me parece periférica ao material coletado e inadequada segundo os parâmetros da antropologia contemporânea. Desconectada da pesquisa realizada em Mambaí, ela serve para autor provar a premissa de que a cultura, e, por extensão, a língua dos ciganos, está em processo de extinção. O uso de termos como “obsolescência”, “gradativa degenerescência”, “deterioração”, “processo de perda”, “língua obsolescente” constroem esse discurso.

Do ponto de vista antropológico, a abordagem é ultrapassada, senão equivocada. A epígrafe de Frazer é um triste prelúdio de uma fala que emprega termos como “sobrevivência”

e “perda”, remetendo a uma concepção de cultura como “coisa”, essência fechada, totalidade primordial sujeita à perda e à contaminação.

A concepção de língua não é diferente. A distinção entre “língua original” e “língua obsolescente” é flagrante nesse sentido. A tese busca provar que os dados obtidos entre os calon de Mambaí são a sobrevivência de algo melhor e mais bem acabado, que não existe mais. O autor parte da proposição de que os ciganos estão perdendo sua língua e cultura, e de que sua ida a campo não altera em absoluto sua hipótese e seu conhecimento; tudo o que ele extrai dos dados é para comprovar sua hipótese.

Ora, se adotarmos uma perspectiva mais dinâmica da cultura, veremos que essa “língua original” não se encontra em parte alguma. Uma língua, como uma cultura, é sempre porosa, em transformação e existente na medida em que ela é vivida, isto é, existe no ato mesmo de sua exposição à mudança. Bastaria lembrar dos textos seiscentistas dos missionários para questionar a premissa do autor: diríamos que o português e o espanhol se encontram hoje em deterioração se comparados ao que eram as línguas originais?

O autor qualifica o estado da língua como em processo de glototanásia (morte da língua), o que me parece exagerado. O que resta da “língua original” está em pleno funcionamento e tem um papel fundamental no cotidiano desses calon diante dos *gadje*. Não creio que se possa sustentar que esses “fiapos de língua que disfarçam”, como definiu João Cabral (*Sevilha*

*andando*, 1987-93), se extinguirão tão facilmente. Se seguirmos a pista do orientador da tese, Hildo Honório de Couto, sobre o anti-crioulo, veremos como uma língua pode se tornar “língua de resistência” ao regramaticizar-se para se adaptar à sintaxe do português. Um vocabulário é mantido e utilizado. Em que circunstâncias, com qual intenção? O pesquisador não se pergunta.

A pesquisa seria outra, caso o autor adotasse uma abordagem da cultura como algo dinâmico, em constante transformação. A dissertação poderia então discorrer no sentido oposto: como uma cultura estritamente oral, presente no Brasil há quase quinhentos anos, manteve uma língua própria, a despeito da imensa pressão da sociedade hegemônica? A existência de uma língua, *ainda*, é prova de uma grande resistência, e não de uma vitimização, como leva a crer o subtítulo do trabalho. A questão se deslocaria para outras: como ela opera? Qual é o seu uso? Entre quem? A investigação transitaria por outros territórios, construídos pelo conhecimento fornecido pelo próprio campo.

Apesar de discordar das bases teóricas da dissertação, eu a considero uma importante contribuição para os estudos sobre ciganos no Brasil. A pesquisa lingüística resulta num qua-

dro sobre como se constroem frases e palavras, informação de grande interesse para os pesquisadores da área. Por exemplo, quando comparadas às palavras que registrei entre os calon de Santa Fé do Sul em 2001, e, recentemente, entre calon de São Bernardo do Campo e Jaboticabal, ambos no Estado de São Paulo, é possível dizer que todos compartilham a mesma língua. Palavras como “pinhar” (beber), “lachi”/“lage” (vergonha), “pusca” (arma), “babani”/“babalin” (bonita), “puri” (velho/a, envelhecer), “raben” (comida), “radens” (dinheiro), entre outras, são similares.

Não há ainda um estudo que permita dizer que esses grupos estejam em contato permanente, mas, certamente, estão conectados de alguma forma, já que viajam e têm parentes distribuídos em diversas regiões do país. A explicitação dessas relações depende de esforços, como os realizados pelo autor, de gravar, transcrever e traduzir a fala desses calon.

Finalmente, ao publicar o livro, o autor colabora para tornar perceptível a existência, invisível tanto para o governo quanto para a academia, de grupos ciganos que vivem no Brasil. Um *corpus* etnográfico e teórico deve ser construído e Dantas de Mello é um dos entusiastas da “causa”.

**autor** Florencia Ferrari

Doutoranda em Ciência Social (Antropologia Social)/PPGAS –USP

*Recebido em 11/06/2007*

*Aceito para publicação em 06/09/2007*